

A CADEIRA 2 DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA – PATRONO ANTÔNIO VIEIRA

Afrânio Peixoto 



Júlio Afrânio Peixoto nasceu em Lençóis, na Bahia, em 17 de dezembro de 1876, e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947, com 70 anos. Foi médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador. Como ensaísta escreveu importantes estudos sobre Camões, Castro Alves e Euclides da Cunha. Como médico, conheceu e estudou as ideias e teorias de Freud, levando-as para muitos de seus romances. Foi o terceiro ocupante da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, sendo eleito em 7 de maio de 1910, e a cadeira 2, cujo patrono é Antônio Vieira, da Academia Brasileira de Filologia, da qual foi fundador, em 26.8.1944.

Filho de Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia de Moraes Peixoto. Passou sua infância no interior da Bahia, na cidade de Canavieiras (onde há uma biblioteca e rua com seu nome), vivenciando situações e paisagens que influenciariam muitos dos seus romances. Formou-se em Medicina, em Salvador, no ano de 1897. Sua tese inaugural, “Epilepsia e crime”, despertou grande interesse nos meios científicos do país e do exterior.

Em 1902, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi inspetor de Saúde Pública e diretor do Hospital Nacional de Alienados, em 1904. Ministrou aulas de Medicina legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907) e assumiu os cargos de professor extraordinário da Faculdade de Medicina (1911); diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, em 1915 e diretor da Instrução Pública do Distrito Federal no ano seguinte.

Como político foi eleito deputado federal pela Bahia, ficando no cargo no período de 1924 a 1930. Após esse período, voltou à atividade do magistério como professor de História da Educação, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1932. Foi reitor da Universidade do Distrito Federal em 1935 e, após 40 anos de relevantes serviços, aposentou-se.

Com a publicação do drama Rosa mística, em cinco atos, iniciou-se na

literatura, no ano de 1900. A obra foi luxuosamente impressa em Leipzig, com uma cor 0para cada ato. Entre 1904 e 1906 esteve em vários países da Europa, a fim de adquirir novos conhecimentos.

Ao retornar ao Brasil, dedicou-se apenas à medicina. Nesse período foi grande sua produção de obras de cunho médico-legal-científica. O romance surgiu como uma implicação a que o autor foi levado em decorrência de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 7 de maio de 1910, para a qual fora eleito à revelia, quando se achava no Egito, em sua segunda viagem ao exterior.

Quase por obrigação, começou a escrever o romance *A esfinge*, o que fez em três meses, antes da posse da Cadeira n.º 7, em 14 de agosto de 1911, sendo recebido pelo acadêmico Araripe Júnior. O Egito inspirou-lhe o título e a trama novelesca. O romance, publicado no mesmo ano, obteve um sucesso incomum e colocou seu autor em posto de destaque na galeria dos ficcionistas brasileiros.

Dotado de personalidade fascinante, animadora e de um excelente domínio da oratória, prendia a atenção das pessoas e auditórios pela palavra inteligente e encantadora. Afrânio Peixoto obteve, na época, grande aprovação de crítica e prestígio popular.

Na Academia Brasileira de Letras, desempenhou diversas atividades. Obteve do embaixador da França, Alexandre Conty, em 1923, a doação pelo governo francês do palácio Petit Trianon, construído para a Exposição da França no Centenário da Independência do Brasil. Afonso Pena Júnior o sucedeu na ABL. Como ensaísta escreveu importantes estudos sobre Camões, Castro Alves e Euclides da Cunha. Como médico, conheceu e estudou as ideias e teorias de Freud, levando-as para muitos de seus romances. Faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947, com a idade de 70 anos.

Obras:

• *Rosa mística* - drama (1900); *Lufada sinistra* - novela (1900); *A esfinge* - romance (1911); *Maria Bonita* - romance (1914); *Minha terra e minha gente* - história (1915); *Poeira da estrada* - crítica (1918); *Trovas brasileiras* (1919); *Parábolas* (1920); *José Bonifácio, o velho e o moço* - biografia (1920); *Fruta do mato* - romance (1920); *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922); *Bugrinha* - romance (1922); *Ensinar e ensinar* (1923); *Dicionário dos Lusíadas* - filologia (1924); *Dinamene* (1925); *Arte poética* - ensaio (1925); *As razões do coração* - romance (1925); *Camões e o Brasil* - crítica (1926); *Uma mulher como as outras* - romance (1928); *Sinhazinha* (1929); *Miçangas* (1931); *Viagem Sentimental* (1931); *História da literatura brasileira* (1931); *Castro Alves* - ensaio bibliográfico (1931); *Panorama da literatura brasileira* (1940); *Pepitas* - ensaio (1942); *Amor sagrado e amor profano* (1942); *Despedida* (1942); *Obras completas* (1942); *Indes* (1944); *É* (1944); *Breviário da Bahia* (1945); *Livro de horas* (1947).

NOTA – Matéria produzida pelo acadêmico Manoel Pinto Ribeiro, com pesquisa efetuada na Wikipédia;